

## A resistência do humano

*Carmen Da Poian*  
Outubro/2010

Nos últimos encontros de um seminário, “Nos limites do indivíduo-sujeito”, realizado no CPRJ, abordamos alguns textos de Nathalie Zaltzman, selecionados a partir de seus livros, *La resistance de l’humain* (Paris: PUF, 2002) e *De la guerison psychanalytique* (Paris: PUF, 2006). Considerando bastante importantes certas questões aí colocadas, dou a seguir continuidade ao tema referente ao “sujeito social”, propondo mais algumas reflexões.

A questão central, que quero abordar, diz respeito à existência de um *doentio* que vai muito além do que chamamos “doença psíquica”. E isto foi apontado por Freud em seus textos de Cultura.

Primeiramente, é preciso levar em conta que o Humano em si não é algo harmonioso, e que faz parte de nossa estrutura, tanto na doença quanto na saúde, um embate inevitável no campo das forças pulsionais onde atuam conflitos e resistências de várias ordens. Essa luta de forças não tem a ver com nenhuma doença psíquica, mas faz parte do Humano tal como Freud o revelou. O Homem freudiano pode ser considerado “potencialmente um doente polimorfo” e sua estrutura de base, que a metapsicologia revela, não supõe a integridade e o bem-estar que desejaríamos.

Portanto, há um *doentio*, algo fora de ordem, na própria saúde.

Em segundo lugar, é preciso também estar atento à questão do destino individual, destino este que ultrapassa o próprio indivíduo que, pertencendo à espécie humana, nada mais é do que um sujeito da condição humana, cada vida singular realizando e representando o universo inteiro.

A falência narcísica, tão comum nos dias atuais, deve também ser vista como a perda ou o distanciamento deste sentimento de pertencimento ao conjunto humano. A desolação que acomete o sujeito não tem só a ver com a não consonância de sua estrutura pulsional, mas também com a sensação de não se sentir um elo fundamental na cadeia do desenvolvimento de sua espécie. E mesmo levando em conta as inúmeras evoluções técnicas que modificam até mesmo o que não imaginávamos possível, é aí que o narcisismo de cada um de nós se ancora.

Um terceiro ponto, que indica o quanto o *doentio* vai além da própria doença singular, consiste na reflexão que situa o sujeito psíquico em seu condicionamento social, com seus determinantes econômicos e políticos. O sujeito pode aí oscilar em suas identificações constitutivas, esmagado ou enaltecido, na dependência de cada forma de regime político e de

forças, agregadoras ou desagregadoras, que aí atuam reforçando ou não as identificações individuais e coletivas. Esta dimensão sócio-política mostra o quanto o sujeito individual apenas singulariza o sujeito social que o constitui.

Então, levando em conta esses três fatores (da estrutura individual, da espécie humana e do contexto social), como podemos distinguir, em nossa prática analítica, o normal do patológico? E outra questão chave: como podemos pensar a “cura” em Psicanálise?

Sabemos, por nossa própria experiência, que só renunciamos a um prazer, seja ele saudável ou não, quando há outro ganho narcísico que justifique esta desistência. Para além da renúncia edípica, que abre para outras possibilidades, lembremos, por exemplo, das abdições que o sentimento religioso impõe prometendo a vida eterna, da disciplina imposta pela prática budista onde a paz é visada, das ações realizadas por ideais políticos buscando o reconhecimento de muitos. O sofrimento da renúncia a algo prazeroso só se torna suportável quando transformado em algum outro ganho para o ego. Para abdicarmos de nossos prazeres individuais precisamos de alguma forma, de encontrá-los além de nós mesmos através de um pacto social que alimente e fortifique a integridade narcísica de cada um, permitindo elaborar as desarmonias internas e os embates daí surgidos.

É aqui que se impõe também para o psicanalista, claramente, ele próprio cidadão do mundo comprometido com seu entorno, a importância do trabalho da Cultura, possibilitando a constituição de sólidos laços sociais que deveriam ser promovidos, sobretudo pela Educação e pela Ação Política, a fim de impedir a falência dos valores constitutivos do Humano. Aí também se situam os trabalhos da Arte, da Ciência, da Literatura e dos grupos que se encontram afetivamente ligados.

Quero assinalar, então, que dentro deste universo dimensionado pelos três fatores apontados, a Psicanálise deverá ser vista com um dos caminhos que indicam ao indivíduo aquilo que é possível e desejável, mostrando o quanto seu psiquismo é vulnerável e, ao mesmo tempo, resistente ao contexto familiar e às influências tecnológicas e sociais que hoje nos envolvem. O percurso analítico deveria levar o sujeito, não só a se situar diante do impossível mas, partindo daí, a tornar-se capaz de se abrir para novas conquistas abandonando repetições e compreensões já saturadas.

Mas isto, de fato, só acontecerá se seu trajeto singular estiver ancorado e sustentado por valores sócio-culturais que possibilitem a existência de um lugar onde o indivíduo seja visto e respeitado, o que o fará, ao mesmo tempo, responsável por sua vida não só particular, mas também enquanto cidadão.

Se não levarmos em conta esses três fatores que nos condicionam – nossa estrutura individual, a espécie humana a que pertencemos e a sociedade onde estamos inseridos –, o trabalho possível da Psicanálise corre o risco de cair numa alienação perigosa quando trata como “doença” o que é o “doentio” e arrisca levar ao descrédito o genuíno trabalho psicanalítico, aquele que permite desintrincar as múltiplas identificações cruzadas através das quais emerge o sujeito desejante.